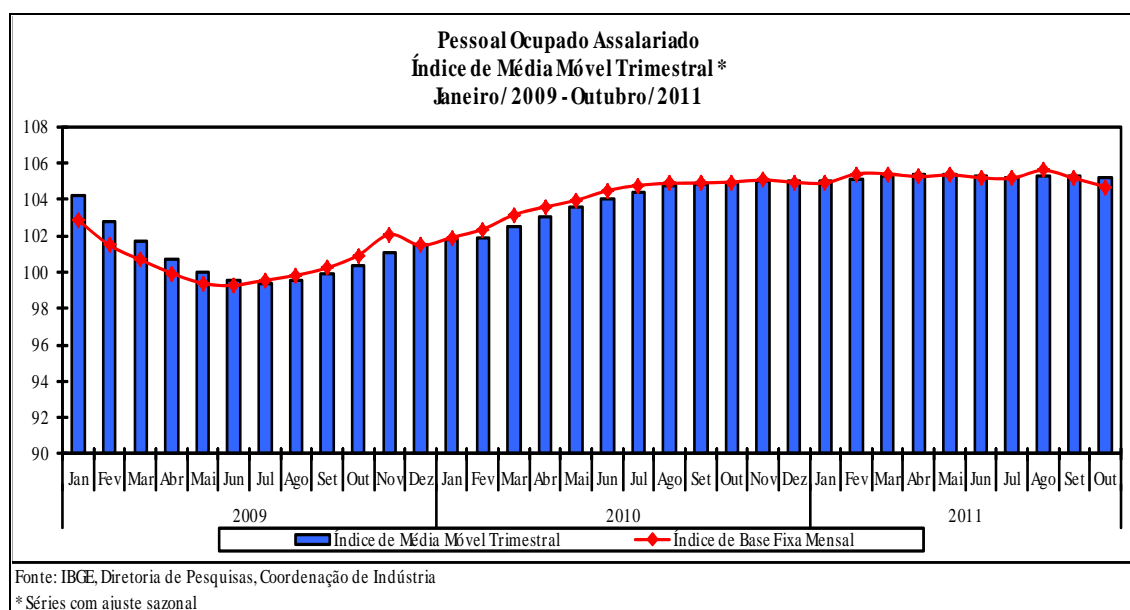


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

O emprego industrial apontou variação negativa de 0,4% em outubro de 2011 frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, após também mostrar taxa de -0,4% em setembro último. Ainda na série com ajuste sazonal, o índice de média móvel trimestral assinalou variação negativa de 0,1% em outubro frente ao patamar do mês anterior, após ficar praticamente estável desde o final do ano passado.



Na comparação com outubro de 2010, o emprego industrial mostrou variação negativa de 0,3%, primeiro resultado negativo desde janeiro de 2010. Com isso, o índice acumulado nos dez primeiros meses do ano avançou 1,3%, mas com ritmo abaixo do verificado nos meses anteriores. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao apontar expansão de 1,6% em outubro de 2011, prosseguiu com a redução na intensidade do crescimento iniciada em fevereiro último (3,9%).

Em relação a outubro do ano passado, o emprego industrial mostrou decréscimo de 0,3%, com o contingente de trabalhadores registrando recuo em seis dos quatorze locais pesquisados. O principal impacto negativo sobre o resultado global foi observado em São Paulo (-3,5%), pressionado pelas taxas negativas em quinze dos dezoito setores investigados, com destaque

para a redução no total do pessoal ocupado nas indústrias de borracha e plástico (-12,3%), de papel e gráfica (-8,2%), de alimentos e bebidas (-3,5%), de produtos de metal (-6,2%) e de calçados e couro (-12,3%). Vale citar também os resultados negativos assinalados por Ceará (-2,9%) e Santa Catarina (-0,7%), com o primeiro influenciado pela queda de 6,3% no setor de calçados e couro, e o segundo por conta das perdas verificadas em madeira (-14,1%), têxtil (-3,8%) e calçados e couro (-18,2%). Por outro lado, Paraná (6,1%), região Norte e Centro-Oeste (2,4%), Rio Grande do Sul (2,3%), Minas Gerais (1,5%) e Pernambuco (4,4%) apontaram as principais contribuições positivas sobre o total do pessoal ocupado na comparação com igual mês do ano passado. Na indústria paranaense, as maiores influências positivas vieram dos setores de alimentos e bebidas (15,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônico e de comunicações (48,9%) e meios de transporte (13,1%). Na indústria da região Norte e Centro-Oeste sobressaíram os ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (36,3%), meios de transporte (16,1%) e refino de petróleo e produção de álcool (16,8%). No parque industrial gaúcho, os segmentos que mais influenciaram o total do pessoal ocupado no estado foram alimentos e bebidas (14,0%), meios de transportes (8,9%) e produtos de metal (9,1%). Na indústria de Minas Gerais, os maiores avanços no emprego industrial foram assinalados por alimentos e bebidas (4,8%) e metalurgia básica (6,1%), enquanto no setor industrial pernambucano, os impactos vindos de alimentos e bebidas (6,2%) e de meios de transporte (46,7%) foram os mais relevantes.

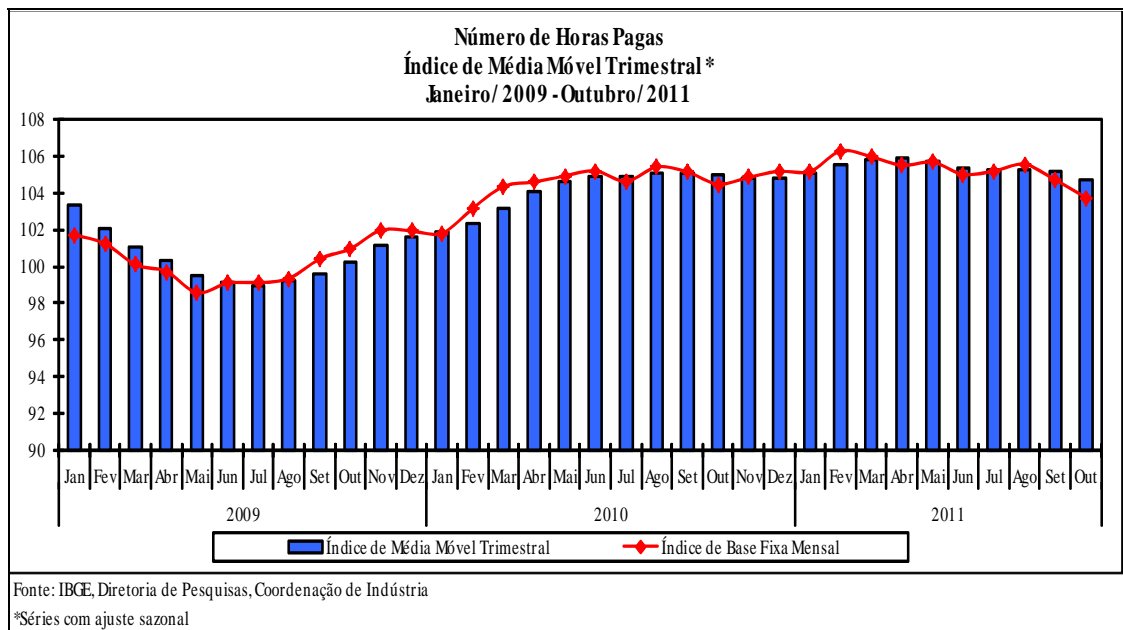
Setorialmente, ainda no índice mensal de outubro de 2011, o emprego industrial recuou em nove dos dezoito ramos investigados, com destaque para calçados e couro (-8,6%), borracha e plástico (-6,5%), madeira (-11,1%), vestuário (-3,6%) e papel e gráfica (-4,6%). Por outro lado, alimentos e bebidas (2,7%), meios de transporte (6,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,0%) e máquinas e equipamentos (2,3%) apontaram os principais impactos positivos.

No índice acumulado nos dez primeiros meses de 2011, o nível do pessoal ocupado na indústria foi 1,3% maior do que em igual período do ano

anterior, apoiado no crescimento de onze dos quatorze locais e de dez dos dezoito setores investigados. Entre os locais, Paraná (5,5%), Minas Gerais (3,1%), região Norte e Centro-Oeste (3,2%), Rio Grande do Sul (2,5%) e região Nordeste (1,7%) exerceram as maiores pressões positivas sobre o total da indústria, enquanto São Paulo (-0,9%), Ceará (-1,7%) e Espírito Santo (-0,8%) apontaram as taxas negativas no índice acumulado no ano. Setorialmente, as contribuições positivas mais relevantes vieram de meios de transporte (7,4%), alimentos e bebidas (2,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,3%), máquinas e equipamentos (3,9%), outros produtos da indústria de transformação (4,6%), produtos de metal (3,3%) e metalurgia básica (5,1%). Por outro lado, os ramos de papel e gráfica (-8,4%), de calçados e couro (-4,3%), de madeira (-8,9%) e de vestuário (-2,8%) responderam pelos principais impactos negativos no total nacional.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em outubro de 2011, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, ao apontar queda de 0,9% frente ao mês imediatamente anterior, assinalou a segunda taxa negativa consecutiva, acumulando nesse período perda de 1,7%. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral mostrou queda de 0,5% na passagem dos trimestres encerrados em setembro e outubro e permaneceu com a trajetória descendente iniciada em abril último.



No confronto com igual mês do ano anterior, houve recuo de 1,0% no número de horas pagas em outubro de 2011, segunda taxa negativa consecutiva e a menor desde dezembro de 2009 (-1,4%). O índice acumulado nos dez meses do ano avançou 0,9% e manteve a desaceleração no ritmo de crescimento frente aos resultados dos meses anteriores. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, assinalou expansão de 1,4% em outubro de 2011, mas permaneceu apontando avanços menos intensos desde fevereiro (4,5%).

Em outubro de 2011, o número de horas pagas recuou 1,0% em relação a igual mês do ano anterior, com taxas negativas em quatro dos quatorze locais pesquisados. A principal influência negativa sobre o total do país foi observada em São Paulo (-3,6%), pressionada em grande parte pela redução do número de horas pagas em quinze dos dezoito setores investigados, com destaque para as perdas vindas de produtos de metal (-11,1%), alimentos e bebidas (-4,0%), metalurgia básica (-17,4%), borracha e plástico (-7,4%), papel e gráfica (-8,2%), têxtil (-6,6%) e calçados e couro (-8,7%). Vale mencionar também os impactos negativos vindos de Santa Catarina (-2,2%), em função, principalmente, dos recuos registrados em madeira (-17,6%), têxtil (-4,0%), calçados e couro (-19,9%) e vestuário (-2,4%); e do Ceará (-2,1%), devido à retração verificada em calçados e couro (-4,2%), alimentos e bebidas (-4,1%) e têxtil (-6,4%). Por outro

lado, Pernambuco (6,6%) exerceu o principal impacto positivo no total do número de horas pagas, impulsionado em grande parte pelo crescimento nos setores de alimentos e bebidas (10,6%) e de meios de transporte (46,4%). Vale citar ainda as contribuições positivas vindas do Paraná (2,1%), sustentada, sobretudo, pelos avanços vindos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (53,9%), de outros produtos da indústria de transformação (16,7%) e de meios de transporte (13,8%); da região Nordeste (0,8%), por conta especialmente da expansão verificada em alimentos e bebidas (4,6%); e de Minas Gerais (0,8%), influenciado principalmente pelos ramos de alimentos e bebidas (5,1%), de meios de transporte (5,2%) e de metalurgia básica (4,4%).

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas diminuiu em onze dos dezoito setores pesquisados, com as maiores influências negativas vindas de calçados e couro (-8,4%), produtos de metal (-5,1%), vestuário (-4,2%), madeira (-11,4%), papel e gráfica (-5,2%), borracha e plástico (-4,5%) e têxtil (-4,8%). Por outro lado, meios de transporte (5,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,3%), alimentos e bebidas (1,3%) e máquinas e equipamentos (3,1%) foram as atividades que exerceram as contribuições positivas mais significativas no total nacional.

O índice acumulado nos dez meses de 2011 mostrou expansão de 0,9% frente a igual período do ano anterior, com taxas positivas em dez dos quatorze locais e em dez dos dezoito ramos investigados. No corte setorial, as principais contribuições positivas no total do número de horas pagas vieram de meios de transporte (6,8%), alimentos e bebidas (2,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,6%) e máquinas e equipamentos (4,5%), enquanto papel e gráfica (-9,0%), calçados e couro (-5,4%), vestuário (-3,1%) e madeira (-9,0%) assinalaram os maiores impactos negativos sobre a média da indústria.

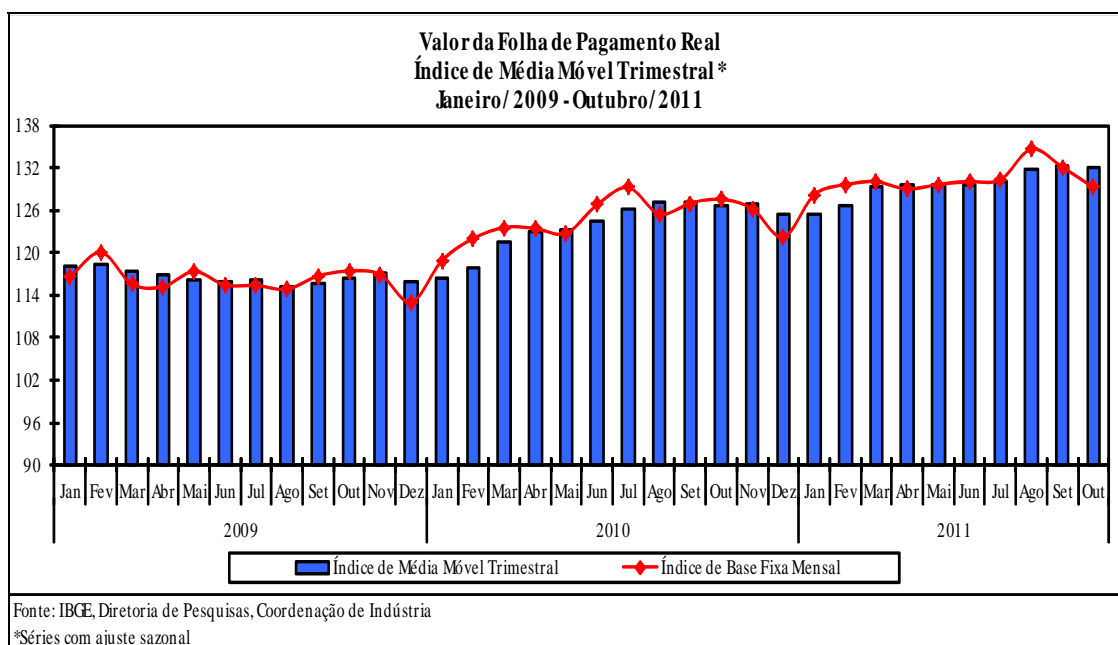
Entre os locais, ainda no índice acumulado no ano, as influências positivas mais relevantes vieram de Minas Gerais (3,1%), região Norte e

Centro-Oeste (3,5%), Paraná (3,1%), região Nordeste (1,5%), Rio Grande do Sul (1,7%) e Pernambuco (5,5%). Esses locais foram impulsionados, em grande parte, pelo aumento no número de horas pagas nos ramos de meios de transporte (6,1%), borracha e plástico (16,9%) e metalurgia básica (5,6%), na indústria mineira; máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (38,2%) e produtos de metal (22,4%), na região Norte e Centro-Oeste; máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (36,9%) e alimentos e bebidas (5,4%), no setor industrial paranaense; alimentos e bebidas (3,4%), minerais não metálicos (7,6%) e meios de transporte (20,6%), na indústria nordestina; alimentos e bebidas (10,5%), máquinas e equipamentos (5,6%) e meios de transporte (6,8%), no Rio Grande do Sul; e alimentos e bebidas (6,1%) e meios de transporte (55,9%), na indústria pernambucana. Por outro lado, São Paulo (-1,1%) e Ceará (-2,9%) apontaram os resultados negativos no índice acumulado no ano, pressionados, sobretudo, pelas quedas observadas em papel e gráfica (-18,0%), vestuário (-9,3%) e produtos de metal (-4,6%), no primeiro local, e calçados e couro (-10,5%), no segundo.

Em síntese, o emprego industrial e o número de horas pagas, em outubro de 2011, apontaram pelo segundo mês consecutivo taxas negativas frente ao mês imediatamente anterior, refletindo em grande parte o menor dinamismo que marca a produção industrial nos últimos meses. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça esse quadro de menor intensidade no mercado de trabalho da indústria, já que esse indicador em outubro apontou variação negativa para o emprego industrial após vários meses de estabilidade e acentuou a trajetória descendente para o número de horas pagas. Nas comparações contra iguais períodos de 2010, os resultados do total do pessoal ocupado na indústria e do número de horas pagas permaneceram com clara redução de ritmo, com o primeiro interrompendo vinte meses de taxas positivas, e o segundo marcando a queda mais intensa desde dezembro de 2009. Com isso, os índices acumulado nos dez meses do ano e nos últimos doze meses prosseguiram apontando redução na intensidade do crescimento frente aos meses anteriores.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em outubro de 2011, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria ajustado sazonalmente recuou 2,2% em relação ao mês imediatamente anterior, após assinalar expansão de 3,3% em agosto e queda de 1,9% em setembro. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral mostrou variação negativa de 0,3% em outubro frente ao patamar de setembro e interrompeu a trajetória ascendente iniciada em dezembro do ano passado.



No confronto com iguais períodos do ano anterior, o valor da folha de pagamento real avançou 1,4% em outubro de 2011, vigésimo segundo resultado positivo consecutivo nesse tipo de comparação, e 4,6% no acumulado dos dez meses do ano. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, ao passar de 5,8% em setembro para 5,1% em outubro, prosseguiu com a trajetória descendente iniciada em maio último (7,6%).

No índice mensal, o valor da folha de pagamento real cresceu 1,4% em outubro de 2011, com resultados positivos em onze dos quatorze locais pesquisados. A maior contribuição positiva sobre o total da indústria veio de Minas Gerais (6,8%), apoiado em grande parte nos avanços observados em metalurgia básica (9,8%), meios de transporte (7,4%), indústrias extrativas (12,0%), alimentos e bebidas (6,9%) e máquinas e equipamentos (11,8%). Vale

citar também as influências positivas vindas do Paraná (6,7%), sustentado pelas expansões verificadas em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (55,6%), alimentos e bebidas (11,7%), outros produtos da indústria de transformação (24,7%) e meios de transporte (7,2%); da região Norte e Centro Oeste (5,2%), por conta dos avanços assinalados em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (31,2%) e indústrias extrativas (17,6%); da região Nordeste (2,9%), influenciado sobretudo por alimentos e bebidas (6,6%) e minerais não metálicos (12,7%); e do Rio Grande do Sul (3,0%), em função principalmente dos índices positivos registrados por alimentos e bebidas (12,6%) e meios de transporte (6,7%). Por outro lado, São Paulo (-1,8%) exerceu o principal impacto negativo no total da indústria, pressionado em grande parte pelos resultados negativos de papel e gráfica (-26,8%), meios de transporte (-2,3%) e produtos de metal (-6,6%).

Setorialmente, o valor da folha de pagamento real avançou em dez dos dezoito setores pesquisados, impulsionado, principalmente, pelas taxas positivas verificadas em máquinas e equipamentos (8,3%), alimentos e bebidas (4,5%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,8%), metalurgia básica (5,0%) e outros produtos da indústria de transformação (6,5%). Em sentido contrário, as maiores influências negativas na média global foram observadas em papel e gráfica (-16,4%), produtos de metal (-2,1%), madeira (-7,7%), produtos químicos (-1,3%) e calçados e couro (-2,8%).

No índice acumulado dos dez meses do ano, o valor da folha de pagamento real mostrou expansão de 4,6%, com todos os locais investigados apontando resultados positivos. O principal impacto sobre o total nacional foi verificado em São Paulo (2,5%), impulsionado em grande parte por meios de transporte (9,2%), máquinas e equipamentos (7,8%) e alimentos e bebidas (4,0%). Vale citar também as influências vindas de Minas Gerais (10,4%), Paraná (9,3%), região Norte e Centro-Oeste (6,7%), região Nordeste (5,3%) e Rio de Janeiro (5,2%). Nestes locais, os setores que mais contribuíram positivamente foram meios de transporte (18,3%), indústrias extrativas

(21,6%) e metalurgia básica (12,0%), na indústria mineira; meios de transporte (20,0%), alimentos e bebidas (12,1%) e máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (39,2%), na indústria paranaense; máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (25,5%), indústrias extrativas (13,2%) e produtos de metal (26,6%), na região Norte e Centro-Oeste; alimentos e bebidas (7,7%) e meios de transporte (25,3%), na indústria nordestina; e indústrias extrativas (7,2%) e meios de transporte (7,3%), no setor industrial fluminense.

Setorialmente, ainda no índice acumulado no ano, o valor da folha de pagamento real mostrou resultados positivos em treze das dezoito atividades pesquisadas, com destaque para meios de transporte (11,1%), alimentos e bebidas (5,3%), máquinas e equipamentos (7,3%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,2%), indústrias extrativas (7,8%) e metalurgia básica (7,1%). Em sentido oposto, o setor de papel e gráfica (-10,6%) assinalou o principal impacto negativo no total da indústria.